

Morgues representam risco de infecção pelo novo coronavírus

- Caso da cidade e província de Maputo

Por: [Ben Hur Cavelane e Leila Constantino*](#)



* Em caso de dúvidas, sugestões e questões relacionadas a esta nota, contacte: benhur.cavelane@cipmoz.org

1. Contexto

Desde início de Janeiro de 2021, os casos de infecção e morte pelo novo corona vírus têm vindo a aumentar a um ritmo nunca antes visto. Com o aumento do número de mortes, cresce também a preocupação com os cuidados a ter em todo o ciclo de tratamento dos corpos. Um facto preocupante, descrito pelos técnicos de saúde afectos às morgues das unidades sanitárias e municipais (Maputo e Matola), é que estes locais sempre foram os mais negligenciados pelas entidades superiores de saúde: em questões de investimento em infra-estruturas, em recursos humanos e em condições sanitárias.

A gestão das morgues da Cidade e província de Maputo, e do país no geral, já vem sendo criticada há bastante tempo, pelo facto de possuir procedimentos precários e pela demonstrada incapacidade de suprir a demanda. Contudo, no contexto actual de pandemia, esperava-se que o governo tomasse medidas mais assertivas, a exemplo de muitos países, no que concerne à gestão das morgues.

Neste momento em que o número de mortes por COVID-19 tem estado a crescer, esperava-se que as lacunas pré-existentes já tivessem sido sanadas ou minimizadas, uma vez que, para o caso específico da COVID-19, existe um protocolo a ser seguido aprovado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para evitar novas infecções durante o manuseamento dos cadáveres.

O Centro de Integridade Pública (CIP) realizou estudos de campo em cinco morgues da Cidade e Província de Maputo, concretamente as morgues do Hospital Central de Maputo, Hospital Geral de Mavalane, a morgue central sob gestão do Município de Maputo e a morgue do Hospital Provincial da Matola e do Município da Matola.

A morgue do Hospital Central de Maputo encontra-se em obras de reabilitação e os óbitos por causa do novo corona vírus naquela unidade sanitária são transferidos para a morgue municipal. Entretanto, por falta de condições, registam-se problemas relacionados com a falta de cumprimento das normas definidas pela OMS.

Na morgue central do município de Maputo, por exemplo, a máquina para desinfecção de corpos encontra-se avariada há cerca de dois meses (primeiro procedimento a ser seguido na recepção de corpos). Adicionalmente, os funcionários não têm equipamento de protecção individual (EPI), suficiente e específico para o tratamento de cadáveres infectados pelo coronavírus tal como luvas, máscaras N95 e batas impermeáveis de mangas compridas. Os funcionários dizem que chegam a usar o mesmo uniforme, batas permeáveis, máscaras N95 e luvas por mais de uma semana.

No hospital geral de Mavalane, os corpos que chegam depois das 15h são deixados no chão da morgue, sem nenhum rigor de organização porque não há pessoal suficiente para os receber. A equipa de pesquisa constatou, no local, que a morgue do hospital geral de Mavalane, apenas dispõe de um único técnico que faz o manuseamento dos corpos que dão entrada naquela unidade e ao mesmo tempo atende na secretaria da morgue onde mantém contacto com as famílias das vítimas que se dirigem para aquele sector à procura de informações. As solicitações das famílias são dentre outras o reconhecimento dos corpos; a atribuição de documentos para solicitação de certidão de óbito, a organização do corpo para efeitos de transporte pelos carros funerários para realização de cerimónias fúnebre.

Se as condições actuais das morgues em análise persistirem, poderão representar um alto risco de contaminação para profissionais de saúde, para os corpos e para às famílias, gerando um efeito multiplicador de infecção.

O desenvolvimento dos casos de infecção e morte pelo novo coronavírus e o exemplo de outros países, chama atenção à necessidade de intervenção do governo para melhorar as condições das infraestruturas, a capacidade técnica e, acima de tudo, sanitária das morgues ao nível do país.

2. COVID-19 – Contaminação e procedimentos de manejo de corpos

A COVID-19 é uma doença respiratória causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. A sua transmissão pode ocorrer por contacto, directo, indirecto ou próximo, com secreções como saliva e secreções respiratórias ou gotículas respiratórias, expelidas de uma pessoa infectada. A transmissão indireta pode ser por meio de vômitos – superfícies contaminadas (OMS, 2020). Segundo a OMS, embora seja baixa, existe uma probabilidade de transmissão do vírus no manuseamento dos corpos de mortos por COVID-19, caso não se tomem os devidos cuidados.

Com o aumento do número de casos de infecção e morte pelo novo coronavírus, cresce também a preocupação com os cuidados a ter em todo o ciclo de tratamento dos corpos. Neste sentido, a OMS elaborou um guião destinado a indivíduos que cuidam de corpos de pessoas que se suspeite ou se tenha confirmado terem morrido pelo coronavírus. Este documento fornece orientações para a gestão dos corpos no contexto do COVID-19 em ambientes de baixa, média e alta renda.

O Instituto Nacional de Saúde (INS) teve como base este documento¹, embora alguns aspectos não tenham sido considerados nas instruções do INS e nem se verifiquem no terreno, a destacar:

- Recursos humanos: Pessoal treinado a manusear o corpo nas morgues;
- No caso de Moçambique, não se faz referência à necessidade de treinamento de pessoal para tratamento de corpos de pessoas vítimas de Covid-19. Ademais, não houve treinamento de pessoal afecto às morgues;
- Equipamentos de Protecção Individual (EPIs): EPI apropriado deve estar disponível incluindo: um macacão não permeável, um avental de mangas compridas resistente a fluidos, luvas (dois pares ou um par de luvas de autópsia), uma máscara médica, protecção para os olhos (protector facial ou óculos) e botas / calçado de protecção;
- Relatos do pessoal afecto às morgues denunciam insuficiência de EPIs adequados. Os profissionais afectos a esta área queixam-se de falta de luvas e máscaras faciais N95, que são disponibilizadas uma vez por semana, sendo que cada funcionário recebe apenas uma máscara para toda a semana;
- Limpeza da morgue: a morgue deve ser mantida limpa e devidamente ventilada em todos os momentos. Evidências da morgue central da Cidade de Maputo mostram que não são observadas as medidas sanitárias necessárias;

3. A Gestão de Morgues: caso dos hospitais da cidade e província de Maputo

Morgues	Capacidade Instalada	Número medio de copos armazenados	Observação
Hospital Central de Maputo	29	_____	Em reabilitação
Município de Maputo	180	75	Apesar da capacidade instalada, receber 180 corpos, apenas 60 podem ser conservados devido à avaria das câmaras frigoríficas há mais de cinco anos.
Hospital Geral de Mavalane	12	20	Chega a atingir o pico de 25 corpos armazenados no frigorifico e espalhados pelo chão da morgue
Hospital Provincial de Maputo	30	40	Os corpos que dão entrada na morgue do hospital, depois de observados, são transferidos para o lado da morgue municipal para conservação e posterior reclamação e realização de cerimónias fúnebres.
Município da Matola			

¹ Vide: <https://covid19.ins.gov.mz/familias/funerais/>

i) Caso da Morgue do Hospital Central de Maputo

A morgue do Hospital Central da Cidade de Maputo actualmente encontra-se em reabilitação. Tem uma capacidade de conservação de até 29 corpos. Entretanto, antes do início das obras não conseguia responder à demanda de corpos enviados para conservação. Nesta fase da pandemia e com a reabilitação da infraestrutura, os corpos são enviados à morgue municipal para tratamento e conservação. Segundo explicações dos funcionários desta unidade, não existem meios suficientes para a gestão e conservação de corpos na morgue municipal, e o pessoal não tem formação para lidar com o volume de corpos que chega à morgue vítimas de Covid-19 e de outras causas.

Em relação a recursos humanos, os funcionários salientam que por causa das condições de trabalho, exposição a corpos em estado avançado de decomposição e mau-cheiro, alguns colegas chegam a contrair tuberculose e outro tipo de infecções pulmonares e até a perder a vida. Há relatos segundo os quais anualmente perdem a vida um ou dois funcionários da morgue, vítimas de doenças ocupacionais². E por causa disso, o sector tem registado baixa ou insuficiência de pessoal, estando a funcionar com deficiências. Esta situação é do conhecimento da direcção da morgue do Hospital Central de Maputo, mas ainda não lhe foi dada a devida atenção.

Outra situação relatada é que sem formação específica, os funcionários da morgue afirmam que são obrigados a abrir e cozer os corpos quando o departamento de Medicina Legal pretende realizar autópsias. Os médicos legistas, apenas fazem a observação. Esta situação tem deixado os funcionários descontentes porque segundo eles, não faz parte das suas atribuições. Não têm por aquele trabalho nenhuma remuneração adicional e nem concorre para a sua progressão na carreira senão para aumento de trabalho e sem as mínimas condições.

Segundo os funcionários uma das causas que faz com que as morgues registem números de corpos acima da sua capacidade de conservação, para além de insuficiência de câmaras frigoríficas, prende-se com a falta de atenção ou a não reclamação dos corpos por parte dos familiares das vítimas. Nesta fase de pandemia, o protocolo exige que os corpos não devem permanecer por mais de 24 horas na morgue. Entretanto, as famílias chegam a ficar mais de três dias para se organizarem. Também há registo de corpos que não são reclamados por mais de 10 dias. Para os casos em que os corpos não são reclamados entre 10 a 15 dias, a direcção da morgue junta os corpos para enterrar na vala comum dos cemitérios de Lhanguene e Michafutene.

A falta de explicação e/ou conhecimento das famílias em relação ao tempo que o corpo deve permanecer na morgue após se dar o óbito por corona vírus na unidade sanitária ou residência, faz com que as famílias solicitem, no desespero, que os sacos ou plásticos que envolvem os corpos sejam abertos para o devido reconhecimento dos corpos. Chegam a solicitar que os mesmos sejam conservados nas câmaras frigoríficas mais de três dias até a organização da cerimónia fúnebre. Muitas vezes esses pedidos são atendidos mediante pagamento de subornos.



Imagem 1: Entrada da morgue do HCM.

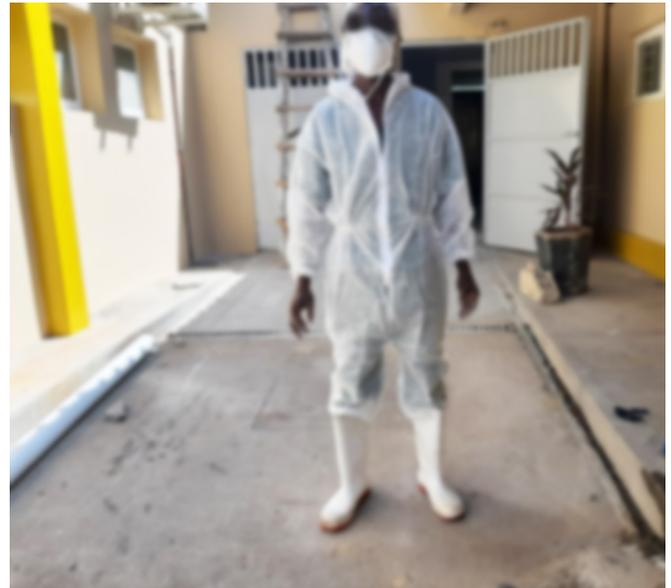


Imagem 2: técnico da morgue do HCM vestindo um macacão descartável, que repete ao longo duma semana.

² <https://www.europeanlung.org/pt/doen%C3%A7a-pulmonar-e-informa%C3%A7%C3%A3o/doen%C3%A7as-pulmonares/doen%C3%A7a-pulmonar-ocupacional>

ii) Caso da Morgue do Município de Maputo

A morgue central da Cidade de Maputo, que está actualmente sob gestão do Município de Maputo, recebe a grande maioria de corpos da Cidade e província de Maputo: das clínicas privadas, unidades sanitárias periféricas, dos diferentes bairros residenciais e das ruas, para passos subsequentes como é o caso do registo de óbito.

A morgue municipal funciona muito abaixo da capacidade instalada, ou seja, apenas 33,3% das câmaras frigoríficas para conservação de 180 corpos, provenientes de diferentes pontos da cidade e província de Maputo, se encontram a funcionar devidamente. De acordo com os dados fornecidos, actualmente a morgue só pode conservar devidamente 60 corpos devido a avarias das câmaras frigoríficas nas secções designadas por A e B. Entretanto, a falta de cumprimento do período de conservação e/ou reclamação dos corpos por parte de algumas famílias, concorre para que mais de 25% dos corpos que entram na morgue sejam colocados entre marquesas e o chão da morgue.

A morgue central, que não se beneficia de reabilitações há mais de 10 anos, apresenta más condições de armazenamento de corpos (muitos corpos são deixados em condições deploráveis). Ademais, não existem condições que permitam a segmentação das actividades do conjunto de medidas que se devem verificar a partir do momento que um corpo chega à morgue. Há corpos recém-chegados, corpos em estágio de preparação para funeral (lavagem, colocação de roupas) e corpos chegados já há algum tempo todos aglomerados no mesmo local.

No contexto da pandemia, no que tange à gestão de corpos de morte por Covid-19, tal como descreve o guião da OMS para este caso, o manuseamento destes deve ser feito por pessoal devidamente treinado para o efeito. Entretanto, em entrevista com os funcionários na condição de anonimato, o CIP apurou que nenhum funcionário recebeu formação para manejar corpos com Covid-19.

Adicionalmente, não há equipamentos de protecção individual (EPIs) suficientes. Os EPIs (máscaras, luvas, batas e outros) que deviam ser descartáveis, são geralmente reciclados e usados por cerca de duas semanas. Também foi possível apurar que anualmente dois a três funcionários que trabalham na morgue perdem a vida por causa de doenças respiratórias como tuberculose e infecção pulmonar, a mesma situação que foi reportada na morgue do Hospital Central de Maputo.

O guião da OMS, que o MISAU³ faz menção, mostra que aquando da chegada dos corpos à morgue, estes devem ser desinfetados. Entretanto, a máquina usada para o efeito na morgue Municipal de Maputo encontra-se avariada há cerca de dois meses. Isto significa que se um indivíduo tiver perdido a vida por Covid-19 fora de alguma unidade sanitária e o mesmo for depositado na morgue sem o conhecimento real da causa da morte por parte dos agentes de saúde, este corpo não passa pelo protocolo a ser considerado no contexto da Covid-19. Neste sentido, há grandes probabilidades de o corpo infectar tanto os profissionais de saúde como outros corpos no local. O mesmo poderá acontecer com as famílias que no desespero entram nas morgues para reconhecimento dos seus ente-queridos, gerando um efeito multiplicador de infecção. Aliás, é prática comum nas morgues convidar alguém para identificar o corpo do seu familiar, ou próximo, antes de ser preparado para a sepultura.

.iii) Caso da Morgue do Hospital Geral de Mavalane

A morgue do Hospital Geral de Mavalane tem recebido parte dos corpos provenientes dos centros de saúde de Polana Caniço e de unidades sanitárias onde estão internados os pacientes com Covid-19. Esta morgue tem capacidade para conservar apenas 12 corpos mas actualmente chega a receber 20 a 25 corpos por dia, ultrapassando a sua capacidade instalada em cerca de 50%.

O CIP visitou a morgue desta unidade sanitária e constatou que depois das 15h:30, hora de encerramento de actividades na função pública, o funcionário afecto a esta área abandona o sector, fechando a secretaria. Contudo, a morgue permanece com as portas abertas, sem ninguém para dar alguma informação e para recebimento de corpos trazidos das enfermarias da unidade sanitárias ou de fora.

Este aspecto implica que, depois das 15h30, os corpos que chegam à morgue desta unidade sanitária não têm quem os receba e conserve adequadamente, ficando acumulados no chão até a entrada do técnico nas primeiras horas do dia seguinte⁴.

³ <https://covid19.ins.gov.mz/familias/funerais/>

⁴ Até antes da chegada do técnico da morgue, às 6h da manhã, é possível a identificação de corpos espalhados no chão, que vão desde a entrada da morgue até próximo as camaras frigoríficas.

Neste contexto, a preocupação é ainda maior por se tratar de alguns corpos de morte por Covid-19, que são misturados com corpos que dão entrada por diferentes causas. Se as medidas necessárias não forem tomadas desde a chegada dos corpos à morgue, os riscos de infecção do local são maiores.

A constatação apresentada constitui um factor preocupante e a ser levado em conta, e com a máxima urgência, pelo facto de os planos de preparação e resposta à Covid-19, não fazerem menção a alguma intervenção pontual para o caso das morgues da cidade e província de Maputo/ou do país no geral, quando se assiste a deterioração da situação e há conhecimento de que as morgues são um local de potencial risco de contágio.

Exemplos de outros países podem ser usados como referência para a devida preparação e resposta às necessidades dos hospitais e morgues no actual contexto da pandemia. A título de exemplo, a Espanha improvisou duas morgues para vítimas da Covid-19⁵ para conservar os corpos até que as funerárias os removam para enterro ou cremação.



Imagem 3: ambulância deixando mais um corpo vítima de covid-19, depois das 16h, sem ninguém para receber e arrumar o cadáver;



Imagem 4: Secretaria da morgue do HGM, familiares das vítimas a espera de serem atendidas depois de horas de espera por insuficiência de pessoal para atender

iv) Caso da morgue do Hospital Provincial da Matola

A morgue do Hospital Provincial da Matola recebe corpos provenientes dos municípios da Matola, Boane e outras zonas da província de Maputo. Tem uma capacidade de conservação de aproximadamente 30 corpos, entre câmaras frigoríficas duplas e comuns. Como tem acontecido nas morgues anteriormente mencionadas, a morgue do Hospital Provincial da Matola também tem recebido um número de corpos acima da sua capacidade de conservação. E, de acordo com os funcionários entrevistados pela equipa de pesquisa, chegam a entrar na morgue desta unidade sanitária mais de cinco corpos por dia, provenientes das enfermarias do hospital e outros de fora das unidades sanitárias. (de bairros periféricos que morrem nas suas residências e na rua). Dentre estes, alguns são identificados como tendo morrido subitamente vítimas do novo coronavírus, segundo avançaram os funcionários da morgue e médicos entrevistados. Entretanto, não existem condições mínimas de conservação e tratamento de corpos infectados pelo novo corona vírus. Não houve uma capacitação e/ou reforço dos funcionários desta área para seguirem com o protocolo de tratamento de corpos que dão entrada por causa da covid-19.

A equipa de pesquisa também constatou que em algumas gavetas das câmaras frigoríficas com capacidade de conservação de um a dois corpos, encontram-se arrumados mais de 4 corpos sobrepostos. E, em outras situações, foi possível perceber que misturam corpos de mulheres, crianças, adultos numa única gaveta de câmaras frigoríficas, para além de corpos espalhados nas marquesas e no chão da morgue num estado avançado de decomposição, libertando cheiro bastante forte, impossível de suportar mesmo usando a máscara de protecção. De acordo com os funcionários entrevistados, alguns corpos de pessoas idosas, e não só, não são reconhecidos ou reclamados pelos respectivos familiares. Chegam a ficar mais de 10 dias sem serem identificados. São depois encaminhados para a vala comum.

⁵ <https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/uma-licao-tragica-para-o-mundo-espanha-improvisa-duas-morgues-para-vitimas-do-coronavirus>

A deficiente formação, a falta de recursos humanos e de equipamento de protecção individual são também aspectos registados no acto das entrevistas e, conforme reportado, as pessoas que trabalham na morgue do lado do Conselho Municipal não têm formação específica para lidar com os diferentes assuntos da morgue. Nesta fase da pandemia da Covid-19, não houve nenhuma capacitação ou formação para lidar com corpos vítimas desta doença. Sobre os EPI, aos funcionários da morgue é alocada uma máscara que deve ser usada até o máximo de duas semanas. Não têm capas, luvas e outros equipamentos adequados para fazer face à gestão e manuseio de corpos tanto vítimas do novo corona vírus como outros que morrem por outras causas.

Um outro aspecto colocado pelos técnicos desta área e da parte do município da Matola, tem que ver com a falta de subsídio e outras formas de incentivos para lidar com a presente situação da Covid-19. Os funcionários queixam-se de trabalhar sobre pressão, com salários baixos e sem condições mínimas.



Imagem 5: Enfermeiras trajadas de batas de material permeável enquanto empurram uma carrinha-maca com um cadáver para o interior da Morgue do Hospital Provincial de Matola.



Imagem 6: Ilustração das camaras frigoríficas da morgue Municipal da Matola

Considerações finais e Recomendações

A pandemia da Covid-19 e os seus efeitos já mostraram ser de duração imprevisível. Assim sendo, é urgente uma pronta intervenção do MISAU no sector mortuário, por forma a minimizar as suas fragilidades e albergar as actuais necessidades impostas pela pandemia da Covid-19 e os seus desenvolvimentos no país.

Enquanto se conjugam esforços para a construção de Hospitais-abrigo para pessoas infectadas pela covid-19, tal como recomendou o CIP numa análise⁶, o governo deve considerar a necessidade de intervenção paralela nas morgues. Esta intervenção deve considerar:

- Revisão do guião actualmente utilizado para manejo de corpos com Covid-19. Este guião revisto deve ser amplamente difundido para o pessoal da saúde, agências funerárias e para a sociedade em geral;
- A reestruturação das morgues transitórias e das morgues centrais para albergar uma secção separada para tratamento de corpos de morte por Covid-19;
- A construção de morgues especializadas para vítimas de Covid-19;
- O aumento de efectivo e capacitação de pessoal técnico da linha da frente no tratamento de corpos de morte por Covid-19;
- A aquisição de EPIs suficientes para o pessoal da linha da frente nas morgues, para minimizar o risco de infecção;
- A melhoria das condições sanitárias das morgues;

⁶ <https://cipmoz.org/2021/01/14/hospitais-abrigo-podem-ser-a-solucao-para-conter-expansao-da-covi-19-em-mocambique/>

- A desburocratização dos processos de realização de cerimónias fúnebres para vítimas de Covid-19;
- A consciencialização das famílias para a aceleração das cerimónias fúnebres para vítimas de Covid-19;
- A adopção de medidas que proibam a entrada de familiar e de outros nas morgues para reconhecimento de corpos sem o devido EPI.

Referências

WHO (2020), Infection prevention and control for the safe management of a dead body in the context of COVID-19: interim guidance, disponível em: https://www.google.com/urlsa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjJ1JOsp7fuAhU2XhUIHYb-CSgQFjABegQIARAC&url=https%3A%2F%2Fapps.who.int%2Firis%2Frest%2Fbitstreams%2F13000882Fretrieve&usg=AOvVaw17oZv7sIU_MbgDiRWZSbng, (consultado a 21/01/2021, as 10h45) INS (2021), Funerais, disponível em: <https://covid19.ins.gov.mz/familias/funerais/>, (consultado a 20/01/2021, as 12h34)

Euronews (2020), Pandemia obriga à construção de novos hospitais e morgues | Euronews disponível em: <https://pt.euronews.com/2020/03/29/pandemia-obriga-a-construcao-de-novos-hospitais-e-morgues>, (consultado a 21/01/2021 as 14h47)

<https://www.rpsso.pt/avaliacao-controlo-riscos-profissionais-morgues-hospitalares/>

<https://www.icrc.org/pt/doc/assets/files/other/icrc-007-0880.pdf>

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222006000200003

https://www.medicusmundimozambique.org/files/2018/02/Plan_Director_Maputo.pdf



CENTRO DE INTEGRIDADE PÚBLICA
Anticorrupção - Transparência - Integridade

Parceiros:



Schweizerische Eidgenossenschaft
Confédération suisse
Confederazione Svizzera
Confederaziun svizra

Embaixada da Suíça em Moçambique



OXFAM



Suécia
Sverige



Reino dos Países Baixos



Informação editorial

Director: Edson Cortez

Autor: Ben Hur Cavelane e Leila Constantino

Coordenação: Celeste Banze

Revisão de pares: Edson Cortez, Borges Nhamirre, Inocência Mapisse, Júlia Zitha e Rui Mate

Revisão Linguística: Samuel Monjane

Propriedade: Centro de Integridade Pública

Rua Fernão Melo e Castro,
Bairro da Sommerschild, nº 124
Tel: (+258) 21 499916 | Fax: (+258) 21 499917
Cel: (+258) 82 3016391
[f @CIP.Mozambique](https://www.facebook.com/CIP.Mozambique) [@CIPMoz](https://www.instagram.com/CIPMoz)
www.cipmoz.org | Maputo - Moçambique